

INTERSECCIONALIDADE EM NARRATIVAS DE RESISTÊNCIA: UMA ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS DE SOBREVIVÊNCIA EM *MAMÃE & EU & MAMÃE* DE MAYA ANGELOU

Beatriz Michele Silva Carvalho ¹

RESUMO

Este estudo investiga as estratégias de sobrevivência na obra *Mamãe & Eu & Mamãe* (2022) de Maya de Angelou, uma narrativa que se desenrola sob o ponto de vista da teoria da interseccionalidade, abordada por Akotirene (2019), na qual a violência emerge como um componente vital das diversas experiências de mulheres negras contemporâneas. Na análise das estratégias diante da violência, o objetivo é examinar o fenômeno com base na autobiografia da autora, bem como direcionar a coleta de dados usando as obras de autoras negras, sendo elas Adichie (2015), bell hooks (2008), Kilomba (2019), Akotirene (2019). Os conceitos dessas teóricas servem como base para abordar a questão da violência, além de permitir investigar as experiências da autora. Essa abordagem visa combinar a narrativa pessoal da autora com as perspectivas de estudiosas e seus conhecimentos teóricos, estabelecendo uma base para analisar a violência em contextos específicos. Adotando uma abordagem qualitativa, compreendeu-se as razões, opiniões e motivações das experiências da autora como mulher negra, explorando suas reações à violência. Além disso, foi realizada uma revisão de literatura para identificar estudos relevantes e teorias relacionadas ao tema, permitindo assim uma análise contextualizada. Ao analisar as estratégias de enfrentamento da protagonista, emergem nuances de resistência individual e capacidade de superação perante adversidades sistêmicas. Portanto, as vozes marginalizadas na literatura afro-americana, fez com que este estudo buscasse as estratégias necessárias para o enfrentamento do fenômeno violência.

Palavras-chave: Maya Angelou, interseccionalidade, sobrevivência, resistência.

INTRODUÇÃO

A literatura feminina afro-americana contemporânea se manifesta com a representação de vozes, experiências e perspectivas que ecoam os desafios, estratégias e triunfos diante de complexidades da vida das mulheres negras na sociedade atual. Um dos aspectos marcantes dessa experiência contemporânea seria a persistência da violência. A violência é uma realidade persistente que permeia a experiência das mulheres na sociedade contemporânea, assumindo múltiplas formas e contextos.

A escritora Maya Angelou e a representatividade na literatura afro-americana transcendem as páginas de seus escritos, deixando um legado que aborda diretamente o trauma histórico derivado da discriminação racial e da violência. A obra de Angelou, é permeada de

¹ Graduada em Letras- Inglês pela Universidade Estadual do Piauí (2025). Foi bolsista PIBID (2020-2022) e Residência Pedagógica (2022-2024). Mestranda em Letras pela Universidade Estadual do Piauí, bolsista CAPES. Seu interesse de estudo inclui, feminino, feminismo negro, ficção historiográfica e memória. E-mail beamichele98@gmail.com

autenticidade porque se manifesta por meio de sua habilidade em expressar as experiências e emoções genuínas das mulheres negras. Dessa forma, emerge como um testemunho vivo das injustiças enfrentadas por mulheres negras, convidando à reflexão sobre as complexidades e desafios de suas vidas.

Este trabalho tem como objetivo geral examinar as estratégias de sobrevivência diante da discriminação e violência na obra *Mamãe & Eu & Mamãe* (2022). Para alcançar esse propósito, delinea-se uma abordagem que se apoia em três objetivos específicos. Sendo assim, pretende-se caracterizar a Teoria da Interseccionalidade, enfocando a violência contra a mulher. Isso implica uma investigação das formas de discriminação e violência enfrentadas pelas mulheres, especialmente as mulheres negras, considerando as complexas interações entre raça, gênero e classe social.

O trabalho de Angelou serve como um chamado à ação contra a injustiça e a marginalização, e também mudança social. Ao estudar a maneira como Angelou emprega a literatura como uma ferramenta de resistência, algumas lições devem ser aprendidas sobre a arte das estratégias utilizadas pela autora promovendo conscientização e construção de comunidades mais compassivas. Então, para um diálogo mais amplo sobre as interseções entre literatura, identidade e justiça social, destacando a necessidade contínua de amplificar as vozes marginalizadas e reconhecer o poder transformador da narrativa.

Na análise das estratégias diante da violência, o objetivo é examinar o fenômeno com base na autobiografia da autora e direcionar nossa coleta de dados usando as teóricas negras proeminentes, sendo elas Chimamanda (2015), bell hooks (2008), Grada Kilomba (2019) e Carla Akotirene (2019). Se aplicará as estratégias que essas teóricas defendem para abordar a questão da violência, que permitirá investigar as experiências da autora. Essa abordagem visa combinar a narrativa pessoal da autora com as perspectivas das teóricas negras e seus conhecimentos teóricos, estabelecendo uma base sólida para analisar a violência em um contexto específico.

Portanto, isso permitirá entender de forma mais abrangente e contextualizada e como a autora lida com as experiências de violência, levando em consideração as complexas intersecções de sua identidade e as teorias interseccionais que fornecem percepções valiosas sobre essa questão. Segundo Prodanov; Freitas (2013, p. 29), “Devido à sua influência é que foram definidas técnicas de coleta de dados e elaborados instrumentos capazes de mensurar os fenômenos sociais”. Nesse sentido, destaca-se a importância de uma abordagem metódica na pesquisa social, e assim permite a compreensão e análise adequada dos fenômenos sociais.

UMA TEORIA EM DIÁLOGOS INTERSECCIONAIS

A Teoria da Interseccionalidade emerge como um instrumento analítico importante, ao proporcionar uma abordagem para compreender as complexidades das experiências humanas. Originada nos estudos críticos de raça e gênero, essa teoria desafia visões simplistas e unidimensionais, reconhecendo que as identidades individuais são moldadas por uma intersecção de diversas categorias, como raça, gênero, classe social, orientação sexual e outras formas de poder. Portanto, ao adotar a teoria da interseccionalidade como instrumento analítico, ganha-se uma maneira mais completa e precisa as interações entre diferentes sistemas de opressão e privilégio. Dessa forma, promove uma compreensão das desigualdades sociais e contribui para uma análise mais inclusiva e equitativa.

Para adentrar no campo da referida teoria é de suma importância destacar o livro *Interseccionalidade* (2019), de Carla Akotirene, no qual a autora aborda os conceitos de interseccionalidade e como as pessoas estão sujeitas a essas intersecções, dando um enfoque especial na experiência das mulheres negras. Conforme Akotirene (2019) destaca, a interseccionalidade é um conceito fundamental na análise das múltiplas formas de opressão e discriminação enfrentadas por uma pessoa. Dessa forma, essa abordagem reconhece que as experiências individuais não podem ser compreendidas de maneira isolada, mas devem ser examinadas levando em consideração as interações complexas entre diversas categorias de identidade, como raça, gênero, classe social, orientação sexual, entre outras.

Portanto, a interseccionalidade vai além de uma visão unidimensional e desafia abordagens simplistas ao reconhecer que as pessoas ocupam posições sociais diversas e interligadas. Por exemplo, uma mulher negra pode enfrentar formas específicas e interligadas de discriminação relacionadas tanto à sua raça quanto ao seu gênero. Nessa perspectiva, a obra de Akotirene se relaciona com a obra *Memórias da Plantação* (2008), escrita por Grada Kilomba, uma vez que ambas tratam de questões relacionadas a gênero, raça e interseccionalidade.

De acordo com Kilomba (2008), a importância da linguagem não opressora e a importância de escrever como um ato político de tornar-se narradora da sua própria história. Dessa forma, destaca-se não apenas a necessidade de uma linguagem que não oprima, mas também a relevância de assumir o papel de narradora de sua própria história como um ato político. Ao fazê-lo, é importante empoderar as vozes marginalizadas, desafiando estruturas de poder que historicamente silenciaram e distorceram essas narrativas.

Além do exposto, a obra de Kilomba também reflete sobre questões importantes como o racismo individual e cotidiano. A autora realiza uma conceitualização sobre o racismo, explorando a formação das opressões raciais enfrentadas por mulheres negras que são simultaneamente vítimas de sexismo e racismo em seu cotidiano. Sobre o racismo, Kilomba (2019, p. 75.) afirma que “Não só o indivíduo é visto como “diferente”, mas essa diferença também é articulada através do estigma, da desonra e da inferioridade.” Todavia, é destacado como essa diferença é interpretada e comunicada na sociedade, pois essa distinção pode resultar em estigma. Portanto, a observação realça a importância de reconhecer e abordar essas dinâmicas para promover sociedade mais inclusiva.

Kilomba também aborda o feminismo branco em suas obras, e dá destaque para a importância de reconhecer e confrontar as complexidades do privilégio racial dentro do movimento feminista. Sobre esse termo, as autoras Bambera e Lisboa argumentam que,

[...] o feminismo branco e o negro nos EUA consiste no fato de que, enquanto o primeiro tinha um caráter construtivista acerca da categoria mulher, o segundo se propunha a simultaneamente reclamar e reconstruir a identidade da mulher. Isso porque parte de uma não-categoria, ou seja, a mulher negra não é tida socialmente como pessoa ou como mulher, daí que os desafios são bem maiores, bem como o conjunto de discriminações e opressões (Bambera; Lisboa, 2019, p. 273).

Kilomba (2019) também delinea como as opressões são estruturadas por percepções racistas sobre os papéis de gênero, destacando a intersecção complexa entre as formas de discriminação. Nessa perspectiva, a autora argumenta que o feminismo branco falha em capturar as nuances das opressões raciais e de gênero enfrentadas pelas mulheres negras (Kilomba, 2019). Dessa forma, sustenta-se que o feminismo branco, ao não reconhecer plenamente essas intersecções, acaba por invalidar as experiências das mulheres negras. Assim, a relação de cumplicidade no movimento feminista é fragilizada e facilmente eliminada quando a questão racial é confrontada, evidenciando a necessidade crítica de uma abordagem interseccional na compreensão das complexidades das experiências femininas.

Dentro do contexto das questões raciais, Kilomba compartilha o relato de uma entrevistada chamada Alice. Este relato é revelador, pois expõe as experiências vividas por mulheres negras em uma sociedade permeada pela estrutura do racismo. Alice compartilha suas vivências pessoais, destacando as injustiças enfrentadas no dia a dia devido à sua identidade racial. Ao trazer à tona a voz de Alice e de outras mulheres negras, a autora desafia as narrativas

dominantes e confronta as realidades muitas vezes invisíveis para aqueles que não compartilham essas vivências. A esse respeito, Kilomba (2019) afirma que,

As ofensas, no entanto, são respostas de desaprovação a tal redefinição e revelam a ansiedade branca sobre perder o controle sobre a/o colonizada/o. De certa forma, as ofensas alertam Alicia de que ela está se tornando muito negra ao mostrar muitos sinais da negritude (Kilomba, 2019, p.127).

Portanto, a partir dos relatos de Alicia, surge um episódio onde seu namorado faz comentários irônicos sobre o aroma do seu cabelo, que estava perfumado com produtos de estética, e associando-o de maneira pejorativa aos macacos. Além disso, ele entoa uma música típica colonial para ridicularizar a aparência de seu cabelo. Esse incidente ilustra vividamente como os corpos negros são alvo de diminuição, ridicularização e subjugação por meio de diversos tipos de preconceito, transformando-os em objetos de escárnio e desaprovação por parte de pessoas brancas. As experiências compartilhadas pela entrevistada revelam a realidade do racismo cotidiano enfrentado por mulheres negras, muitas vezes manifestado por seus parceiros brancos, que escondem seus preconceitos por meio de comentários sobre cabelo ou piadas racistas envolvendo estereótipos raciais.

Como complemento, a referida autora ainda explica o processo da triangulação, que é um elemento crucial para a compreensão do racismo e das dinâmicas sociais envolvidas. Segundo Kilomba (2019) se trata, primeiramente, de um branco cometendo racismo, isso pode manifestar-se de diversas formas, desde expressões verbais e atitudes discriminatórias até estruturas sistêmicas que perpetuam desigualdades raciais. Como consequência, essa etapa destaca o papel ativo do agressor na promoção de práticas racistas.

Segundamente, um negro sofrendo racismo. Aqui, destaca-se a experiência direta da vítima, que é submetida a atitudes discriminatórias ou sistemas que perpetuam a opressão racial. Assim, essa dimensão realça a importância de compreender as consequências pessoais e sociais do racismo (Kilomba, 2019).

Por último, um elemento que é uma espécie de plateia que pode ser uma pessoa branca, que simplesmente presencia e não faz nada ou um consenso quando a pessoa se refere à outra pessoa para validar o que ela está expondo. Esse elemento destaca a responsabilidade coletiva na perpetuação ou interrupção do racismo, ressaltando a importância da ação e intervenção para criar uma sociedade mais justa e equitativa (Kilomba, 2019).

Portanto, a triangulação de Kilomba fornece uma estrutura conceitual útil para analisar o ato inicial de racismo, além disso, as dinâmicas sociais que cercam e perpetuam esses incidentes. Dessa forma, ao destacar a responsabilidade coletiva na interrupção do racismo, a autora incentiva a reflexão sobre como a inação ou a concordância contribuem para a manutenção dessas estruturas prejudiciais.

Em tese, a interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológico à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado. Contudo, de acordo com Manzi e Anjos (2021) mexendo com as estruturas e dando principalmente visibilidade intelectual às mulheres negras, diferente do feminismo que fracassou em contemplar mulheres negras, já que reproduz racismo. De modo igual, o movimento negro falha pelo caráter machista, oferecendo estratégias e métodos reservado às experiências do homem negro. Sobre este aspecto, Akotirene argumenta que,

O problema não está necessariamente nas respostas identitárias dadas à matriz colonial, mas quais metodologias usamos para formular tais respostas, que, não raro, envereda para uma dependência epistemológica da Europa Ocidental e Estados Unidos; a exemplo, feminismo da mulher universal e marxismo (Akotirene 2019, p. 25).

De acordo com a fala da referida autora, pode-se notar que a interseccionalidade não está com um olhar voltado apenas para classe, raça ou gênero, mas sim com sensibilidade analítica em quaisquer relações estruturais e quais são as ferramentas metodológicas que podem estar auxiliando a mulher negra. Dessa forma, em busca de respostas metodológicas e produção intelectual das mulheres negras, dentro do projeto feminismo negro, existe a necessidade de reconhecer a tradição de luta contra essas estruturas racistas e sexistas. Portanto, o empoderamento feminino é importante nesse sentido, pois ele é válido para a coletividade feminina, indo contra o colonialismo e assim, dar visibilidade a todos e não apenas a alguns tipos de grupos de pessoas. Sobre a padrão colonial, Akotirene afirma que,

Ora elege as mulheres negras como dirigentes do tráfico de drogas, ora homicidas de companheiros violentos, quando não, pactuam com as coações impostas por filhos e maridos encarcerados para que transportem drogas até o sistema prisional, numa faceta hedionda punitivista das mulheres negras (Akotirene, 2019, p. 36).

Portanto, é crucial que os diversos campos de conhecimento estejam disponíveis para as pessoas, permitindo-as escapar das opressões impostas pelo padrão colonial. Pois, é por meio do intelecto que podemos combater o racismo, o preconceito religioso, o sexismo, o

cisheteropatriarcado e o capitalismo. Dessa forma, Akotirene (2019) destaca a maneira como o padrão colonial perpetua estereótipos prejudiciais sobre as mulheres negras, oscilando entre retratos distorcidos que as culpam por atividades criminosas ou as colocam em situações de coerção e violência. Assim, a autora enfatiza a importância de disponibilizar uma ampla gama de conhecimentos para as pessoas, permitindo que elas escapem das opressões impostas por esse padrão.

Sendo assim, ao destacar a necessidade de acesso ao intelecto como ferramenta fundamental, Akotirene sugere que é por meio do conhecimento que se pode desafiar e combater efetivamente o racismo, o preconceito religioso, o sexismo, o cisheteropatriarcado e o capitalismo. Portanto, ao promover a educação e o pensamento crítico, abre-se espaço para a desconstrução dos estereótipos coloniais, possibilitando uma sociedade mais justa, inclusiva e equitativa. Consequentemente, a busca pelo conhecimento se revela como um poderoso instrumento para a resistência e a transformação social. Diante das complexidades das experiências humanas, é essencial explorar, no tópico seguinte, o diálogo entre as estratégias de sobrevivência e a interseccionalidade como abordagens fundamentais para compreender as nuances das vivências individuais.

ESTRATÉGIAS DE SOBREVIVÊNCIA E INTERSECCIONALIDADE

A literatura tem desempenhado um papel crucial na exploração das estratégias de sobrevivência diante da violência. Por meio de narrativas literárias, o ser humano é capaz de vislumbrar as diversas formas pelas quais os personagens enfrentam e superam desafios, sejam eles de natureza física, emocional ou psicológica. Autoras como Chimamanda Ngozi Adichie (2015) e Patrícia Hill Collis e Sirma Bilge (2021) expandiram a compreensão sobre violência e resiliência valiosos sobre como lidar com as complexidades das experiências humanas. Embora essas obras não sejam manuais com estratégias específicas para lidar com a violência, elas proporcionam uma análise dessas questões e oferecem conhecimento sobre como enfrentar e resistir à violência de gênero.

Diante disso, a importância da educação na capacitação das mulheres e na construção de conscientização sobre questões de gênero é um tema recorrente nas palavras de Adichie. A autora enfatiza repetidamente que a educação e a leitura desempenham um papel fundamental no empoderamento das mulheres e no desenvolvimento de uma compreensão maior das questões de gênero. Na obra *Sejamos Todos Feministas*, Adichie (2015, p.15) argumenta que “tem gente que diz que a mulher é subordinada ao homem porque isso faz parte da nossa cultura.

Mas a cultura está sempre em transformação”. Com isso, a ideia de que a subordinação das mulheres ao homem faz parte da cultura é frequentemente usada para justificar as desigualdades de gênero. No entanto, é importante reconhecer que a cultura está em constante transformação, as normas culturais e os valores não são estáticos, pois evoluem ao longo do tempo.

Tal concepção de que as mulheres devem ser subordinadas está enraizada em estruturas patriarcais que historicamente deram mais poder e privilégios aos homens. No entanto, à medida que a sociedade avança e adota novas perspectivas, essas normas culturais podem ser modificadas. Segundo Adichie (2015), movimentos feministas e defensores dos direitos das mulheres trabalham incansavelmente para questionar e reformular as normas de gênero que perpetuam a desigualdade. Para tanto, tais movimentos defendem que a cultura pode e deve ser adaptada para refletir valores de igualdade de gênero, respeito e justiça.

A autora argumenta que, “Gastamos muito tempo ensinando as meninas a se preocuparem com o que os meninos pensam delas” (Adichie, 2015, p. 08). Diante dessa citação, a autora salienta como a sociedade frequentemente direciona as meninas para a busca da aprovação e opinião dos meninos em relação a elas. Em vez de ensiná-las a se conformar com as expectativas dos meninos, ela propõe que as meninas sejam incentivadas a desenvolver independência, autoconfiança e autoestima, permitindo que sejam verdadeiramente autênticas. Portanto, a constante ênfase na aprovação masculina pode restringir a independência e autoestima das meninas, criando normas de gênero prejudiciais que limitam seu desenvolvimento e liberdade.

Collins ainda afirma que,

Como visa a entender e analisar a complexidade do mundo, a interseccionalidade requer estratégias complexas. Em vez de proclamar que a complexidade é importante, nossa intenção é demonstrar, por uma seleção de casos, essa natureza multifacetada da interseccionalidade (Collins, 2021, p. 50).

Ademais, ao dar destaque às minúcias muitas vezes subestimadas ou negligenciadas das experiências das mulheres negras, a abordagem interseccional enriquece a compreensão das dinâmicas sociais, bem como também fortalece os esforços coletivos na luta contra a violência sistêmica. Portanto, ao buscar por um feminismo mais aberto, engajado e verdadeiramente solidário torna-se possível quando se superam os desafios inerentes à aplicação da teoria da interseccionalidade, capacitando assim os movimentos feministas para uma representação mais autêntica e impactante das experiências das mulheres negras na sociedade contemporânea.

A interseccionalidade, enquanto abordagem de investigação crítica, representa uma ferramenta usada para desvendar as complexidades e nuances das experiências humanas em meio a sistemas de opressão interconectados. Esta perspectiva analítica propõe-se a ir além das análises simplificadas e unidimensionais, reconhecendo que as identidades sociais não podem ser isoladas, mas sim entendidas em relação umas às outras. Como uma investigação crítica, a interseccionalidade desafia as estruturas tradicionais de análise, convidando os pesquisadores a examinarem as interações entre diferentes formas de discriminação, como raça, gênero, classe e sexualidade.

Ao adotar essa abordagem, a investigação interseccional busca revelar as interconexões intrincadas que moldam as experiências individuais e coletivas, contribuindo para uma compreensão das dinâmicas sociais e possibilitando a identificação de estratégias mais eficazes para enfrentar as desigualdades sistêmicas. Nesse sentido, Collins afirma que “a interseccionalidade também é figura de destaque nas iniciativas em prol da equidade, da diversidade e da inclusão no ensino superior, transformando-se em objetivo institucional” (Collins, 2021, p. 58).

A multifacetada Maya Angelou (1928-2014), reconhecida como atriz, bailarina, cantora e diretora de cinema, trilhou uma trajetória marcada por uma diversidade de talentos e paixões. Sua vida desafiou as definições convencionais e lineares do que significa ser uma intelectual negra, abrindo caminhos singulares que rompem com estereótipos preconcebidos. O impacto de sua obra vai além das fronteiras artísticas, especialmente no poema *Still I Rise* (1994), que se destaca como uma peça crucial para a compreensão das vivências das mulheres negras. Este poema ressoa como um testemunho pessoal, bem como se consagra como uma contribuição fundamental para a construção de narrativas mais autênticas e inclusivas sobre a experiência negra. Maya Angelou, ao longo de sua vida e obra, desafiou e transcendeu limites, deixando um legado rico e inspirador que continua a iluminar os caminhos das gerações seguintes.

No livro *Mamãe e Eu e Mamãe*, Maya Angelou que reivindica o direito de narrar em primeira pessoa sua experiência como filha, realizando essa narrativa com um refinado deslocamento de filha para autora. Nessa obra, a autora inicia a narrativa explorando as origens de uma figura notável, sua mãe, Vivian Baxter, carinhosamente chamada de Lady. Nesse contexto, Vivian emerge como uma mulher que abraça a maternidade de maneira nada convencional, empregando métodos singulares e extraordinários na incessante busca por expressar seu amor pelos filhos. A abordagem única de Lady, conforme retratada por Maya Angelou, adiciona camadas de complexidade à narrativa, destacando a singularidade e resiliência da relação mãe-filha ao longo das páginas do livro.

A narrativa inicial destaca a complexidade da primeira década do século XX, evidenciando os desafios enfrentados por Vivian ao nascer negra, pobre e mulher. Esse contexto histórico, permeado por disparidades sociais e raciais, serve como pano de fundo para a envolvente história de Vivian Baxter, uma mulher cuja trajetória foi moldada significativamente por circunstâncias desafiadoras desde o início. Dessa forma, a narrativa de Angelou ao entrelaçar a experiência única de construção de amor com a sua mãe e com a complexidade da relação entre ambas, proporciona uma compreensão da história familiar apresentada no livro. De acordo com hooks,

Uma cultura de dominação é anti-amor. Exige violência para se sustentar. Escolher o amor é ir contra os valores predominantes dessa cultura. Muitas pessoas sentem-se incapazes de amar a si mesmas ou a outras porque não sabem o que é o amor (hooks, 2006, p. 243).

No âmbito do racismo estrutural, a desigualdade social se manifesta de forma traiçoeira, estendendo seus efeitos prejudiciais, especialmente às mulheres negras. Nesse sentido, esta forma de discriminação transcende as interações individuais, permeando as instituições políticas e públicas. Nesse sentido, sublinha-se a interseccionalidade das formas de opressão enfrentadas pelas mulheres negras, que lidam não apenas com a violência de gênero, mas também com as consequências de um sistema estrutural que as coloca em uma posição de vulnerabilidade exacerbada. De acordo com hooks:

As massas de pessoas negras começam a pensar apenas em termos de “nós e eles”, internalizando o sistema de valores do patriarcado capitalista da supremacia branca, pontos cegos são desenvolvidos, a capacidade de empatia necessária para a construção da comunidade fora diminuída (hooks, 2006, p. 244).

Além disso, estereótipos prejudiciais perpetuam a objetificação e a hipersexualização da mulher negra, afetando sua autoestima e contribuindo para a marginalização social. A violência de gênero também é uma preocupação crítica, com taxas alarmantes de feminicídio e agressões, destacando a vulnerabilidade das mulheres negras. Em face desses desafios, a mulher negra demonstra resiliência extraordinária, lutando não apenas contra a adversidade externa, mas também contra as limitações impostas por ideologias discriminatórias.

Conforme Angelou (2014, p. 51) destaca “eu já tinha visto mulheres nos bondes com seus cintinhos trocados, aventais, uniformes ajustados e bonés. Não me ocorreu que todas eram

brancas. Simplesmente disse à minha mãe que queria ser condutora”. Na passagem citada, a narradora expressa uma observação inicialmente desprovida de consciência racial. Ao testemunhar mulheres nos bondes com seus uniformes característicos, a protagonista nota a vestimenta específica associada à função de condutora. No entanto, a revelação subsequente, de que todas as mulheres que ela havia observado eram brancas, destaca uma percepção tardia em relação à ausência de diversidade racial nesse papel.

A decisão de expressar o desejo de se tornar uma condutora revela a ingenuidade inicial da protagonista em relação às limitações impostas pela discriminação racial, destacando o desejo simples e puro de assumir uma profissão que, inicialmente, parecia alheia a considerações raciais. Portanto, ressalta-se a necessidade de conscientização sobre as barreiras impostas pela sociedade em relação às aspirações profissionais, especialmente para pessoas de cor. Em última análise, na sessão seguinte será abordado a resiliência e resistência feminina que são elementos cruciais na narrativa, transmitindo a mensagem de que as mulheres têm o poder de superar obstáculos e alcançar seus objetivos, mesmo em ambientes tradicionalmente desafiadores.

A resiliência e a resistência feminina emergem como elementos fundamentais na compreensão das experiências das mulheres ao longo da história. Diante de desafios sistemáticos, discriminação de gênero e estruturas patriarcais, as mulheres têm demonstrado uma extraordinária capacidade de adaptação e superação. Na narrativa de Angelou (2014, p. 80) pode ser analisado a seguinte citação “‘você tem outro homem, e anda mentindo para mim’. Comecei a rir. Ainda estava rindo quando ele me bateu.” A citação apresenta um momento tenso e problemático na interação entre duas pessoas, onde a mulher, aparentemente, é acusada de ter outro relacionamento e de mentir para o marido.

A reação inicial da mulher é de riso, o que pode indicar uma tentativa de minimizar a situação, aliviar a tensão ou até mesmo expressar incredulidade diante das acusações. No entanto, a mudança abrupta no tom da narrativa, quando o homem a agride fisicamente após ela começar a rir, revela a gravidade da dinâmica relacional. A violência física como resposta ao riso sugere uma escalada rápida e desproporcional na intensidade emocional do conflito. Essa cena evidencia dinâmicas de poder desequilibradas, comunicação falha e o potencial de abuso em relacionamentos interpessoais. Essa citação pode ser analisada como uma representação de desafios nas relações, destacando a importância do diálogo, respeito mútuo e abordagens saudáveis para resolver conflitos.

A resiliência refere-se à habilidade de se recuperar e prosperar frente às adversidades, enquanto a resistência denota a persistência na luta contra injustiças e opressões. Sendo assim,

essas características como consequência definem a força individual de cada mulher, e faz com que se constitua um fenômeno coletivo, refletindo a tenacidade de grupos femininos em face de obstáculos sociais, econômicos e políticos. Explorar a resiliência e a resistência feminina não apenas reconhece as conquistas e avanços alcançados, mas também destaca a necessidade contínua de apoiar e fortalecer as mulheres em sua jornada rumo à igualdade e empoderamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A concepção deste estudo permitiu uma análise sob o olhar de sobrevivência frente à adversidade, tal qual descritas na obra *Mamãe & Eu & Mamãe*, de Maya Angelou. Ao imergir essa narrativa no contexto teórico da Interseccionalidade, conforme delineada nos escritos de Carla Akotirene, como um componente fundamental desta pesquisa, foi possível desvelar sua pertinência e destacar sua imperatividade nesta investigação. E por conseguinte, uma reflexão sobre os embates contemporâneos enfrentados pelas mulheres, como retratados na referida obra.

Delineou-se a teoria da interseccionalidade, cujo enfoque na violência como elemento da complexa experiência das mulheres negras contemporâneas foi explorado. Entende-se que esta abordagem proporcionou uma compreensão das interconexões entre raça, gênero e classe, revelando-se como uma ferramenta indispensável para desvendar as camadas da narrativa de Angelou. Nesse contexto, as discriminações enfrentadas pela protagonista, destacando as formas de opressão que permeiam sua existência. Por fim, investigou-se os mecanismos de resistência empregados pela protagonista como uma resposta à violência que a cerca. Ao examinar essas estratégias de enfrentamento, foi possível ressaltar a resiliência individual. Dessa forma, os objetivos foram alcançados, fazendo-se entender as questões centrais exploradas na obra.

Por meio da análise das obras, foi exposto o poder transformador dessa literatura, que desafia estereótipos e reivindica um espaço legítimo para as vozes das mulheres negras. Ao reconhecer a representação da figura da mulher negra contemporânea, percebemos como esta temática está ligada sob o viés de mudanças significativas contra o racismo. E então, confirmou-se que a representação autêntica da experiência da mulher negra é desempenhada na construção de uma consciência social mais inclusiva e antirracista.

No decorrer do processo de pesquisa sobre a literatura feminina negra contemporânea e sua relação com as discriminações contra a mulher negra, dedicou-se a uma imersão nos textos selecionados. Ao concluir é necessário reconhecer a responsabilidade de acrescentar e celebrar

as vozes marginalizadas, contribuindo assim para uma narrativa mais inclusiva em um mundo literário e além dele.

ABSTRACT

This study investigates the survival strategies depicted in *Mom & Me & Mom* (2022) by Maya Angelou, through the lens of intersectionality theory as discussed by Akotirene (2019). Within this framework, violence emerges as a crucial element shaping the diverse experiences of contemporary Black women. The analysis focuses on the strategies adopted in response to violence, drawing from the author's autobiographical narrative and supported by works of Black women scholars, including Adichie (2015), bell hooks (2008), Kilomba (2019), Akotirene (2019), and Gonzales (1984). Their theoretical perspectives provide the foundation for addressing the issue of violence while offering tools to explore the author's experiences. This qualitative approach seeks to understand the reasons, opinions, and motivations behind the author's experiences as a Black woman, examining her reactions to violence. A literature review was also conducted to identify relevant studies and theoretical frameworks, ensuring a contextualized analysis. The study highlights nuances of individual resistance and resilience in the face of systemic adversities. Consequently, the marginalized voices within African American literature guide this research toward unveiling the strategies necessary for confronting the phenomenon of violence.

Keywords: Maya Angelou; intersectionality; survival; resistance.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda. **Sejamos Todos Feministas**. Tradução: Christina Baun. Companhia das Letras, 2015.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólem, 2019.

ANGELOU, Maya. **Mamãe e eu e Mamãe**. Tradução: Ana Carolina Mesquita. 6ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022.

ANGELOU, Maya. **The Complete Collected Poems of Maya Angelou**, New York 1994. Disponível em: Maya Angelou - The Complete Collected Poems of Maya Angelou (1986).pdf acesso em: 06 mai. 2024.

BAMBIRRA, N. V; T. k, Lisboa. “**ENEGRECENDO O FEMINISMO**”: A OPÇÃO DESCOLONIAL E A INTERSECCIONALIDADE TRAÇANDO OUTROS HORIZONTES TEÓRICOS. ISSN: 1807 - 8214 *Revista Ártemis*, vol. XXVII nº 1; jan-jun, 2019. pp. 270-284 Disponível em: https://scholar.google.com/citations?view_op=view_citation&hl=pt-BR&user=tJ6-M3IAAAAJ&citation_for_view=tJ6-M3IAAAAJ:d1gkVwhDpl0C Acesso em: 25 ago. 2025.

COLLINS, P. H.; BILGE, S. **Interseccionalidade**. Boitempo, 2021.

hooks, bell. **Love as the practice of freedom**. In: *Outlaw Culture. Resisting Representations*. Nova Iorque: Routledge, 2006, p. 243–250. Tradução: Wanderson Flor do Nascimento.

The logo for XICILL is a red, stylized, four-pointed star or flower shape. To its right, the word "XICILL" is written in a bold, red, sans-serif font. Below the main text, there is a list of associated academic events in smaller red text.

XICILL

XI CONGRESSO
INTERNACIONAL DE LINGUAS E LINGUÍSTICAS
VII COLÓQUIO
DO NÚCLEO DE ESTUDOS HISPÂNICOS DO CCHL/UEFP
VI SEMINÁRIO
DE PRÁTICA DOCENTE
I SIMPÓSIO DO ANGLOLIT
GRUPO DE ESTUDOS ANGLÓFONOS - IFFI

Disponível em <https://medium.com/enugbarijo/o-amor-como-a-pr%C3%A1tica-da-liberdade-bellhooks-bb424f878f8c>. Acesso em: 06 mai. 2024.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**: Episódios de racismo cotidiano. Tradução: Jess Oliveira. 1. Ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico**: Métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2ª ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.